

Pirataria ameaça arte makonde

- queixam-se os artistas de pau-ferro

Celeste Bié

Os escultores de arte makonde, na capital do país, recomendaram a quem de direito para que tome medidas de choque contra a pirataria e outras acções fraudulentas que ameaçam a circulação das suas obras no mercado.

Sem instalações próprias, sem galeria para expor as suas obras, sem meios de trabalho, os escultores trabalham debaixo de inúmeras dificuldades. O dinheiro é o seu pior dilema, daí que muitos dos seus projectos estejam nas gavetas, na expectativa de que um dia possa ocorrer um milagre.

Em declarações ao *domingo*, o Secretário-Geral da Associação de Escultores de Arte Makonde (ASSEMA), Clemente Marcelo, denunciou que o fenómeno de pirataria ocorre em níveis cada vez crescentes nos últimos tempos, perante o olhar impávido das autoridades, o que representa um risco não só para a sua classe, como também mina o seu sucesso no ramo artístico legal.

Clemente Marcelo queixa-se igualmente de maus êxitos na sua actividade, em consequência da concorrência desleal dos ambulantes, que proliferam um pouco por todas as esquinas e ruas da cidade de Maputo, acabando por atrair toda a clientela em prejuízo das galerias e outros estabelecimentos licenciados.

Como resultado desta concorrência e segundo o nosso interlocutor, os clientes habituais, maioritariamente

turistas de origem europeia e americana, já não procuram as galerias e nem solicitam encomendas para adquirir obras de arte, uma vez que tais obras já andam expostas em qualquer esquina.

Segundo Clemente, a progressão dos níveis de pirataria na arte makonde atinge sobremaneira a classe artística, em parte devido ao facto de constituir um precedente para o desmoronamento da dignidade da cultura makonde.

Aliás, a classe artística começa já a emitir uma análise pessimista em relação ao estágio da arte makonde, afirmando que esta já perdeu a sua expressão nos últimos tempos.

Clemente diz, por exemplo, que a prática da arte tornou-se trivial e mediocre, ao ponto de simples piratas entusiasmados se autopromoverem criadores de obras makondes.

Os artistas makondes, por sua vez, afirmam opor-se a qualquer manifestação tribal ou contrária ao surgimento de novos talentos na área, salientando que apenas são pela defesa e preservação de seus valores artístico-culturais e por uma actividade regida de

deontologia.

Na sua qualidade de profissionais de calibre incontestável, queixam-se também de insuficiência de incentivos, facto que lhes conduz a uma situação de **trabalhar apenas por uma questão de sobrevivência.**

No meio de tantas lamentações e algumas frustrações, os escultores makondes reclamam grandes oportunidades de progressão, a exemplo de exposições do seu talento nos mercados apropriados.

A propósito, eles revelaram ao *domingo* que já passam anos que não marcam presença no estrangeiro, desde que em 1997 participaram num festival infrutífero na África do Sul, onde não lograram vender qualquer trabalho de sua autoria.

Ao nível do mercado interno, afirmam igualmente que as escassas oportunidades não satisfazem as suas expectativas, sendo que as solicitações para exposições em colectivo raramente ocorrem, chegando a ser apenas duas ou três por ano.

Este ano, por exemplo, dizem não esperarem grandes oportunidades, depois de terem participado numa colectiva na Fortaleza de Maputo, intitulada "Luta contra a Pobreza" e na "Bielal TDM-2001", onde apareceram com exposições individuais.

Quanto ao fracasso na África do Sul, relatam estar ligado à qualidade das suas esculturas, e justificam ser já tradicional no continente africano, a tendência generalizada de rejeitar objectos de pau-preto, como é o caso das obras de arte makonde, dando preferência às obras de chanfuta, pau-rosa e de outras espécies de madeira.

Todavia, dizem-se determinados a desafiar qualquer tipo de estrangulamentos e afastam a hipótese de abandonar aquilo que consideram de matéria-prima (pau-preto) tradicional na arte makonde.

SUCESSOS NA EUROPA E AMÉRICA

Os dirigentes da Associação de Escultores da Arte Makonde afirmam mesmo não precisarem de estrangularem a sua tradição artística, porque fora das fronteiras do continente negro são bem sucedidos, nomeadamente na América e Europa, onde dizem serem dignos de uma aceitação incontestável.

Em termos concretos, mencionam a França, Brasil, Inglaterra, Itália e Portugal, como países de maior êxito

na aceitação de obras de arte makonde.

O sucesso, na óptica de Clemente, tem uma explicação, sobretudo por as obras não só exprimirem a civilização makonde, como contêm igualmente manifestações culturais de outras tribos do continente negro, desde os Masawis do norte da Tanzânia a sul do Kenya, Zulus da África do Sul, etnias Suázis, até aos povos egípcios.

Eles, os makondes, "invadem" a Europa para retratar, por exemplo, aspectos históricos do continente, nomeadamente os ligados a determinados impérios, como o Império Romano.

Vão ainda mais longe, até Ásia, onde as obras exprimem sobre os "Budás", deuses que simbolizam muita coisa no quotidiano asiático, sobretudo a dignidade e o respeito.

ANTECEDENTES DA ARTE MAKONDE

Refira-se que a prática de arte makonde remonta de há centenas de anos, e partiu da região de Mueda, um distrito da província noroeste de Cabo Delgado.

As obras exprimem essencialmente a cultura daquele grupo étnico (makonde), mas não se restringem a esta área, trazem outros valores, hábitos e aspectos da vida quotidiana de distintas tribos.

A arte conquistou uma certa expressão no território moçambicano, havendo actualmente uma agremiação criada, entre outros fins, para preservar os valores artísticos da etnia, promover e garantir a sua expansão.

Uma descrição da crítica pública, refere que as obras dos makondes distinguem-se pela qualidade e uma forte expressão de distintos valores culturais africanos e ocidentais.



Na sua leitura em torno da sua classe profissional, o artista Clemente Marcelo, Secretário-Geral da ASSEMA, refere que a classe

angariou muitos êxitos até meados da década 90, altura em que o panorama artístico funcionava ordeiramente, sem interferência de piratas.

